



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS
MASSAS

Órgão do Partido
Operário Revolucionário
☎ (11) 95446-2020
Nº 07 - 16/2/2024



Declaração do Partido Operário Revolucionário

Amplia-se o massacre dos palestinos na Faixa de Gaza. Não à chacina em Rafah!

- Estado sionista avança no objetivo de liquidar a resistência do Hamas;
- O plano do governo Netanyahu é submeter e anexar definitivamente a Faixa de Gaza;
- Estados Unidos e aliados ampliam o intervencionismo militar contra a resistência dos movimentos árabes;
- Impulsionar as manifestações mundiais pelo fim imediato da intervenção militar e do genocídio!
- Pela união dos palestinos da Faixa de Gaza e da Cisjordânia e pelo apoio dos árabes oprimidos!
- Potenciar a frente única anti-imperialista pela expulsão das forças sionistas ocupantes da Faixa de Gaza e pela resistência contra o intervencionismo dos Estados Unidos e aliados;
- Que os sindicatos, centrais e movimentos não apenas levantem a bandeira contra o massacre, mas também que tomem medidas práticas de mobilização desde as fábricas, bairros e escolas! Que os povos oprimidos e os explorados de todo o mundo se ergam como uma só força para derrotar o colonialismo sionista e o intervencionismo imperialista, que atacam no Lêmen, na Síria, no Iraque e no Líbano;
- Este é o objetivo do momento: Não ao massacre em Rafah! Fim dos bombardeios e retirada imediata de Israel da Faixa de Gaza! Nem mais um palestino morto pelo Estado sionista!

Netanyahu, seu governo de união nacional e a burguesia israelense rejeitaram o plano de cessar-fogo proposto pelo Hamas. Joe Biden manobra politicamente com o palavreado de proteção aos civis e de ajuda humanitária. Representantes das autoridades das potências europeias aconselham o governo sionista a não cometer excessos. Receiam o recrudescimento das mobilizações populares. A diplomacia norte-americana vai de uma reunião a outra com países árabes coniventes com a política anexionista do Estado de Israel, para discutir como será o fim do intervencionismo sionista. Mente, falseia e joga com o direito de os palestinos terem um Estado, com a pacificação e com a coexistência harmônica. Netanyahu expressa com clareza absoluta o objetivo de submeter completamente os palestinos e anexar o pouco que lhes resta de seu território anterior ao movimento de ocupação colonizadora sionista e à criação oficial do Estado de Israel em 1947/1948 pela ONU.

A operação militar do Hamas em território israelense de 7 de outubro expôs o quanto insuportável se encontrava a situação dos palestinos confinados e espremidos na Faixa de Gaza. Aprisionados, empobrecidos e sufocados economicamente, mas sem se curvarem aos ditames imperialistas dos acordos de Oslo, alimentaram o ódio histórico ao sionismo e sustentaram a resistência heroica. A organização da resistência armada, embora o Hamas não tenha armado as massas, corresponde à defesa do povo oprimido, expulso de seu território, dividi-

do e impedido de se constituir como nação. O imperialismo classifica como organização terrorista toda resistência armada que não parta de um Estado, um governo e uma Força Armada reconhecida institucionalmente.

A justificativa de Israel, das potências europeias e, sobretudo, dos Estados Unidos de que a matança na Faixa de Gaza é de responsabilidade dos próprios palestinos, uma vez que as Forças Armadas israelenses não fazem senão cumprir o “direito de defesa”, não tem como ocultar a verdade, os reais motivos. O Estado sionista lançou sua operação de guerra sob a necessidade de avançar o processo de anexação na Faixa de Gaza. Para isso, tem de destruir a sua resistência armada, encarnada pelo Hamas e outras organizações do nacionalismo islâmico. Na Cisjordânia, a implantação de colônias judias progrediu à base da violência estruturada desde o Estado e movimentada por capitalistas.

A divisão territorial e governamental dos palestinos - pavimentada pelos acordos de Oslo - diminuiu a capacidade de resistência social, política e armada da nação oprimida, e, fortaleceu, evidentemente, a estratégia anexionista do sionismo. O maior e o mais criminoso dos massacres já sofridos pelos palestinos é o que ainda está em andamento, e que se realiza em quatro meses de bombardeios. A petição da África do Sul de se abrir um processo de genocídio e de determinar um cessar-fogo no Tribunal de Haia veio a ocorrer depois de mais de

vinte mil mortos, sendo a maioria mulheres e crianças. Esse tribunal da ONU é controlado por forças políticas afeitas ao imperialismo. Não teve como negar formalmente a admissão da petição de investigação de genocídio, mas teve como negar o pedido de resolução de cessar-fogo. Como se vê, esse Tribunal que, supostamente, defenderia os “direitos humanos” fez pouco caso diante da carnificina, exortando o governo israelense a ser comedido e cuidadoso com os civis. É o que acaba de repetir Biden diante da orientação de Netanyahu de bombardear e invadir com tanques a cidade de Rafah, última cidade a ser destruída. Pediu que se fizesse um planejamento para proteger os civis e atacar apenas o Hamas.

Os imperialistas são cínicos e hipócritas por natureza, que advêm de suas posições de opressores e saqueadores dos povos que não fazem parte do punhado de países que detêm o poder das finanças e dos monopólios. Os Estados Unidos são os maiores responsáveis pelo prolongamento da intervenção de Israel e pela mortandade que caminha para os trinta mil palestinos. A Casa Branca e o Pentágono aprovaram a decisão de Netanyahu de ir às últimas consequências no objetivo de destruir o Hamas, ou seja, esmagar a resistência dos palestinos, que nunca cessou nesse mais de setenta e cinco anos de confrontos com a oligarquia burguesa sionista que ergueu um Estado colonialista baseado no poder hegemônico dos Estados Unidos, consolidado na Segunda Guerra Mundial.

Segundo Netanyahu, Rafah é a última trincheira do Hamas. Deve ser trucidada, seguindo a tática militar estabelecida desde o início da intervenção. Deslocou-se cerca de um milhão e duzentos mil palestinos do Norte para o Sul. A primeira e mais importante trincheira seria a cidade de Gaza. Assim, o Norte foi incinerado. As massas comprimidas no Sul, que tem sua fronteira fechada pelo Egito, agora estão sendo cercadas em Rafah. Mas, para onde irem? Ou vão ser expatriadas, reproduzindo o método de criar os refugiados; ou vão sofrer maior esmagamento próprio do genocídio. Os primeiros ataques já mataram centenas de palestinos.

Os Estados Unidos utilizaram de sua avantajada capacidade diplomática para comparecer como quem pretende dar um Estado aos palestinos e trabalha para se chegar a um acordo de cessar-fogo. Essa é a melhor forma para manter os Estados árabes como expectadores da tragédia dos palestinos da Faixa de Gaza, e colaboradores para que as forças armadas do imperialismo ajam livremente no Oriente Médio contra a resistência dos houthis e das organizações islâmicas antissionistas.

Aos olhos da ONU e de seu Tribunal de Haia, o Estado sionista promove um dos maiores esmagamentos dos palestinos. Segundo os próprios tratados montados pelas potências, Israel comete crime de guerra. Tudo se passa sob a fraudulenta caracterização do Hamas como “organização terrorista” e da premissa do “direito de Israel se defender”. Mas, as leis da história, a sucessão de acontecimentos e as experiências que transparecem nas sete décadas de implantação do sionismo no território palestino evidenciam o caráter colonialista-imperialista da decisão da ONU em 1947-1948.

Não há possibilidade dos palestinos se constituírem

em Estado sob auspício das potências e consentimento da oligarquia sionista de Israel. A fraude dos dois Estados se acha mais do que estampada pelo curso dos acontecimentos. A resistência armada do Hamas sustenta a bandeira da unidade e do direito à autodeterminação da nação oprimida, mas não tem capacidade para mudar o curso da história de implantação do Estado sionista e de sua função de prestadora de serviços aos Estados Unidos e aliados no Oriente Médio. Do lado de Israel, levar o genocídio até impor uma completa “limpeza étnica” significa provocar uma guerra generalizada no Oriente Médio. Assim que Israel iniciou os bombardeios na Faixa de Gaza, pairou a sombra de se generalizar o conflito. Os porta-aviões norte-americanos aportaram no Mediterrâneo apontando seu poderio ao Irã, Iêmen, Iraque, Síria, Líbano e a quem mais ousasse se colocar em armas do lado dos palestinos. Quatro meses se passaram, e a situação continua tensa e perigosa.

É nesse marco concreto que se colocam os objetivos imediatos da luta em defesa da Faixa de Gaza: obrigar Israel a retroceder em seu objetivo de destruir o Hamas e anexar mais uma parte do território palestino. Esse combate exige ter claro a estratégia de acabar com a opressão e conquistar a autodeterminação do povo palestino. É obrigatório expor à luz do dia as manobras do imperialismo em torno aos dois Estados. Resta a questão da bandeira de uma Palestina, una e democrática. Seria um passo extremamente progressivo se a resistência pudesse vencer o colonialismo sionista, unindo palestinos e judeus sob um Estado democrático, laico, que expressasse a derrocada do Estado sionista.

As condições de desintegração do capitalismo mundial, cujos reflexos no Oriente Médio se manifestam na emersão de tendências bélicas, ora mais visíveis, ora mais ocultas, não possibilitam a nenhum movimento burguês ou pequeno-burguês realizar a tarefa democrática de unir as massas palestinas e judias para se libertarem do Estado sionista e edificarem um Estado democrático burguês. Mas certamente a luta democrática pelo fim da opressão nacional tem um longo trajeto a ser percorrido na Palestina e no Oriente Médio.

O proletariado e a maioria oprimida têm de tomar em suas mãos o combate anti-imperialista. É de grande importância potencializar a frente única anti-imperialista que se gestou em resposta ao massacre na Faixa de Gaza. Por esse caminho, ficará claro para os combatentes que a demolição do sionismo e a conquista da autodeterminação dos palestinos se alcançarão por meio de inúmeros enfrentamentos próprios da luta de classes e da revolução social. O objetivo central é o de se alcançar a unificação dos explorados palestinos e judeus sob uma República Socialista, como parte da grande tarefa histórica de se alcançar os Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio.

Viva a resistência do povo palestino ao sionismo opressor e bárbaro!

Derrotar as forças do imperialismo com o programa e os métodos de luta do proletariado!

Escute o Massas,
podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas
(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**

